

PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO CHÃO DA ESCOLA ATRAVÉS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: relato de experiência com estudantes da Educação com Jovens e Adultos

João Paulo dos Santos Oliveira¹

Fábio Cunha Sousa²

Maíra da Rocha Melo³

RESUMO

Este texto teve como objetivo apresentar a produção do conhecimento e suas repercussões no cotidiano da Educação Física Escolar, mais especificamente a partir da relação estabelecida entre estagiário, professor tutor e professora ministrante na disciplina Prática de Ensino Estágio Supervisionado em Educação Física com a prática pedagógica no contexto da EJA. Metodologicamente, o texto foi construído a partir do relatório das ações desenvolvidas durante as aulas ministradas, critério de avaliação para a disciplina de mesmo nome na licenciatura em Educação Física da ESEF/UPE. A partir deste relato de experiência, constatou-se que é possível, por intermédio da articulação entre os conhecimentos tratados em aula, e os documentos curriculares, sistematizar o conhecimento nas aulas de EF e que o estágio supervisionado nas escolas públicas, abre um grande leque de aprendizagem para o estagiário, o qual brevemente poderá atuar como professor na escola, enquanto conhecedor de sua realidade.

Palavras-chave: Educação Física; Escola; Estágio

-
- 1 Mestrando em Educação Física pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UPE/UFPB, Recife/Pernambuco, Brasil. E-mail: jp-1488@hotmail.com
 - 2 Mestre em Educação Física. Membro do Grupo de Estudos Etnográficos em Educação Física e Esportes ETH-NOS/ESEF-UPE, Recife/Pernambuco, Brasil. E-mail: fabioc.sousa@bol.com.br
 - 3 Mestre em Educação Física. Docente da Escola Superior de Educação Física ESEF-UPE, Recife/Pernambuco, Brasil. E-mail: mdrarochemelo@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O presente texto representa o relato das experiências vividas por nós no âmbito da prática pedagógica em Educação Física Escolar (EFE), enquanto estagiário, professor tutor, e professora supervisora na disciplina Prática de Ensino Estágio Supervisionado III⁴, da Escola Superior de Educação Física (ESEF/UPE) ocorrida entre os meses de março e junho de 2013, numa escola pública da Zona Norte do Recife.

Neste texto, objetivamos apresentar a produção do conhecimento e suas repercussões no cotidiano da EFE, mais especificamente a partir da relação estabelecida por nós, no contexto da disciplina supracitada, com a prática pedagógica no contexto da Educação com Jovens e Adultos (EJA). Metodologicamente, o texto foi construído tendo por base o relatório final das ações desenvolvidas durante as aulas ministradas, critério de avaliação para a referida disciplina.

Contando a nossa história: os primeiros passos

No momento inicial da disciplina, na escolha do local de atuação, o estagiário, orientado pela professora ministrante, sentia-se provocado à busca por um

aprendizado mais significativo, por ele já ter experimentado, nos estágios anteriores, intervenções em colégios particulares e em turmas regulares.

Esta provocação despertou no estagiário a reflexão sobre a possibilidade de experimentar algo novo, quando surgiu a ideia de intervir e aprender o modo como se estruturaria a constituição de saberes em Educação Física para EJA. Contudo, em nenhuma das escolas oferecidas para a consecução do estágio, foi oferecida a possibilidade de atuar com estudantes da EJA, fazendo com que tivéssemos de entrar em contato com alguma instituição que oferecesse esta modalidade de ensino.

Desta feita, o lócus de intervenção selecionado foi a Escola Dona Maria Teresa Corrêa, a qual oferece o ensino fundamental - a partir do 6º ano - e o Ensino Médio em turmas regulares e na EJA, como a quase totalidade das escolas estaduais em Pernambuco, à época. O bairro do Alto José do Pinho, Zona Norte do Recife, e endereço da escola, não escapa incólume à violência e à parca oferta de recursos que possibilitem alterações significativas nos meios de subsistência para a maioria de seus cidadãos, característica de muitos bairros carentes em nosso país, muitas vezes transposta para as escolas públicas, nas figuras dos estudantes.

Embora inserida em uma realidade sabidamente⁵ desafiadora, esta escola foi

4 No atual currículo da licenciatura em Educação Física da instituição, o estudante vivencia diferentes períodos de estágio supervisionado dispostos em 3 diferentes disciplinas, com carga horária de campo de 90 horas: uma de caráter observacional, 'o Estágio I'; e duas de caráter vivencial, que propõem a intervenção do acadêmico em turmas da educação infantil até o 4º ano do fundamental (Estágio II) e, posteriormente, do 5º ano até o Ensino Médio (Estágio III), tendo como critérios de inserção, a escolha por escolas das redes pública ou privada, que previamente disponibilizam-se a receber o estudante, ou, na ausência de vagas suficientes em uma destas, por meio de uma solicitação formal, estabelecida entre a universidade e uma escola à escolha do discente.

5 Sabidamente, devido ao fato de o estagiário ter sido aluno da instituição escolhida e morador do bairro entre os anos de 1996 e 2002.

escolhida devido a dois importantes fatores: primeiro, ao fato de o estagiário conhecer o trabalho do professor de Educação Física da instituição, lotado no Estado a 10 anos, sete apenas naquela escola; segundo, devido ao fato deste mesmo professor nunca ter, até então, trabalhado com a EJA, abrindo possibilidades para um aprendizado mútuo acerca do processo de constituição dos conhecimentos nesta modalidade de ensino.

Assim, após solicitar à direção da escola e ao seu professor de Educação Física a inclusão enquanto estagiário naquele espaço e recebermos o seu aceite para a tutoria, foi estabelecido um vínculo institucional entre a ESEF-UPE, e a escola selecionada por meio da disciplina Estágio Supervisionado III.

Antes de adentrar ao campo, o estagiário e seus colegas de turma foram instrumentalizados pela professora da disciplina acerca dos elementos constituintes de um plano de ensino. Esta ação tinha por objetivo prevenir eventuais falhas, observadas pelos próprios estagiários nos documentos elaborados por eles em práticas de estágio

supervisionado vivenciadas anteriormente, como a inadequação entre objetivos traçados e aspectos avaliativos.

Posteriormente, professor tutor e estagiário reuniram-se em 2 encontros, no sentido de analisar o programa de ensino da escola organizado previamente pelo professor tutor para aquele semestre, para que, a partir deste e das Orientações Teórico- Metodológicas do Estado (OTM) (PERNAMBUCO, 2010)⁶, fosse traçado um plano inicial para a primeira e segunda unidades de ensino, a ser trabalhado com as turmas escolhidas - EJA 3A e 3B, correspondentes ao 5º e 6º séries do Ensino Fundamental. Neste contexto, a partir das orientações contidas em ambos os documentos⁷, decidiu-se pela abordagem dos temas Ginástica, na primeira unidade, e Luta/Dança na segunda unidade.

Considerando que o sistema de ensino do Estado de Pernambuco não trabalha com uma lógica retilínea de tempo de escolarização - ciclos de aprendizagem entre o primeiro e 5º anos e seriação entre o 6º ano e o Ensino Médio - caberia a nós,

-
- 6 Proposta pedagógica do Estado, fruto da sistematização de estudos, discussões e produções realizadas entre os anos de 2008 e 2010 por uma Comissão de Educação Física, composta e instituída pela Secretaria de Educação de Pernambuco (SEDUC-PE), e por professores da Universidade de Pernambuco/Escola Superior de Educação Física(UPE/ESEF). Esta sistematização resultou de reuniões da Comissão em vários Seminários com os representantes dos níveis de ensino da Secretária de Desenvolvimento do Estado de Pernambuco (SEDE), os técnicos das Gerências Regionais de Educação (GRE's) técnicos e professores de Educação Física representantes das GRE's. Atualmente há uma proposta em substituição a esta, denominada Parâmetros Curriculares de Educação Física (PERNAMBUCO, 2013), inicialmente organizado por professores vinculados ao Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAED/UJFF) sendo analisado e modificado posteriormente por professores especialistas de Pernambuco vinculados a universidades, secretarias municipais de educação e à Secretaria Estadual de Educação. Não nos apropriamos deste documento
 - 7 Documentos estes que orientavam à luz da abordagem Crítico Superadora (Coletivo de Autores, 1992) o ensino dos conteúdos da Educação Física tendo por referência os cinco temas da cultura corporal: Ginástica (a ser abordada na primeira unidade), Dança e Luta (abordados na segunda unidade), Jogo (abordado na terceira unidade) e Esporte (a ser abordado na quarta unidade). Havia a possibilidade de seguirmos outra ordem de organização. Contudo, diante da possibilidade de transferência dos alunos entre instituições, segue-se esta orientação, visando com que os alunos não tenham prejuízo em sua aprendizagem, seja por perda ou por repetição de conteúdos.
 - 8 Neste caso, a referida rede subdivide o tempo escolar da EJA em módulos anuais, denominados EJA 1 (1º e 2ª séries); 2(3ª e 4ª séries); 3(5ª e 6ª séries); 4(7ª e 8ª séries) e EJA Médio

no ato de organizar o planejamento, seguir o sistema equivalente ao ano, bem como considerar o ciclo de aprendizagem em que se localiza a turma⁸ para o trato do conhecimento (COLETIVO DE AUTORES, 1992; PERNAMBUCO, 2010).

Entre o primeiro e último contatos durante o período de estágio, pudemos observar que a experiência da construção dos conhecimentos entre o professor orientador, estagiário e as turmas se deu em uma fusão entre limitações e avanços, consubstanciando criação de novas possibilidades para o ensino.

Em relação aos limites, observamos que questões ligadas às histórias dos alunos produziam dificuldades ao acesso e permanência nas aulas. O primeiro obstáculo observado foi o fato de aproximadamente 80% das turmas serem formadas por trabalhadores, os quais vinham à escola diretamente de jornadas cansativas de trabalho. Não eram incomuns, solicitações de dispensa das aulas devido ao cansaço, dores no corpo, etc. O segundo, diz respeito à diferença de idade entre os alunos - situada entre 15 e 60 anos, em ambas as turmas o que, embora permitisse a fusão entre diferentes perspectivas de observação de realidade, conspirou para a readequação dos conteúdos, visto que o grupo apresentava-se em diferentes ciclos de aprendizagem.

Diante desta situação, chegávamos a uma primeira conclusão: de que o atendimento às solicitações feitas, tais como pesquisas, trabalhos em classe e até mesmo avaliações poderia ser prejudicado. Daí desconsiderarmos a possibilidade do mero uso da avaliação enquanto instrumento formal meramente classificatório, passando a entendê-la enquanto um processo diagnóstico (LUCKESI, 2008) e relacionado com os

objetivos de cada unidade, por observarmos que desta forma, poderíamos caminhar juntamente com os alunos, apreendendo seus avanços e limitações e progredindo apenas no que se fazia necessário e possível conforme a possibilidade de cada um.

Neste contexto, pensávamos na necessidade de tratar as aulas de maneira expositiva, na busca por possibilitar, mesmo àqueles que em alguns momentos estivessem cansados, assistirem às mesmas. Reorganizando nosso plano de ensino após esta observação inicial, professor tutor e estagiário viram como imperativo didático, a abordagem dos conteúdos da Educação Física de forma dialogada com a realidade circunscrita à vida social dos alunos, por compreenderem que uma intencionalidade pedagógica para com os conteúdos, objetivos, habilidades e disciplinas pode partir do professor, mas não pode encerrar-se nela mesma, esta deve chegar de maneira propositiva a confrontar-se com as características coletivas e individuais dos alunos, permitindo uma heterogeneidade e diversidade nos ritmos e formas de aprendizagens e buscando construir uma lógica dialética para a estruturação do pensamento (SOUZA JÚNIOR, 2005, p. 56).

Estas e outras situações que ocorriam no contexto do estágio eram levadas à sala de aula durante a disciplina, em rodas de debate mediadas pela professora, que ocorriam semanalmente na universidade. Esse era um momento de grande riqueza, no qual os estagiários tinham a oportunidade de visualizar a realidade das instituições onde cada um estava inserido, bem como, refletir acerca das demandas apresentadas por cada um, buscando um aprofundamento científico para conduzir as próximas intervenções em sala de aula.

Tal aprofundamento se dava por meio da elaboração de pesquisas, e estudos especificamente relacionados ao contexto do estágio supervisionado.

Primeira unidade: Ginástica

Exemplificando o conteúdo Ginástica, tratado na primeira unidade, readaptamos os objetivos propostos nas OTM assim como, e de forma mais explícita, alguns objetivos e conteúdos inerentes ao

programa de ensino da escola⁹, no sentido de atender às expectativas de aprendizagem e ao contexto sociocultural dos alunos da EJA. Desta maneira, após o primeiro contato com os estudantes e à organização prévia do plano, apresentamos a eles, num segundo momento, um esboço de quais seriam os principais objetivos para a unidade, ao mesmo tempo em que solicitávamos suas opiniões e sugestões visando o aprimoramento dos objetivos, resultando na inserção e adaptação de alguns objetivos e conteúdos.

Quadro 1 – Recorte do plano de ensino da Escola Dona Maria Teresa Corrêa - Tema Ginástica.

Programa Turma: "EJA 3" – 6º/7º anos (Tema: Ginástica)	
OBJETIVOS	CONTEÚDOS
1. Identificar a Ginástica enquanto conhecimento da cultura corporal historicamente acumulada. 2. Identificar o andar, correr, saltar, girar, rolar, saltar, balançar, embalar e o trepar enquanto fundamentos da ginástica, no âmbito do esporte, do lazer da saúde e do trabalho. 3. Relacionar a prática da ginástica com uma alimentação saudável, verificando a frequência cardíaca em repouso e na atividade gímnica. 4. Elaborar uma sequência gímnica a partir dos fundamentos da ginástica.	- Ginástica enquanto conhecimento da cultura corporal (historia e relação com nossa vida). - Fundamentos da ginástica - Ginástica para a saúde, para o lazer, para o esporte e no trabalho. - Frequência Cardíaca em repouso e na atividade gímnica. - Alimentação saudável.

9 Informamos que nos fragmentos retirados do programa de ensino original da escola já constam em negrito as modificações feitas por nós na adaptação do documento ao nosso plano. Em caso de dúvidas, sugerimos ao leitor entrar em contato com os autores.

Quadro 2 – Recorte de elementos extraídos do eixo temático Ginástica nas OTM (PERNAMBUCO, 2010) e incluídos no plano de ensino para a “EJA 3” – 6º/7º anos.

OTM (PERNAMBUCO, 2010)	
OBJETIVOS 6º anos	
[...]	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação do cálculo de aferição da frequência cardíaca em repouso e na exercitação gímnica, relacionando-a com o esforço utilizado na prática da Ginástica trabalhada em diferentes ritmos aeróbicos, assim como refletir sobre a ingestão de alimentos e o gasto de calorias; • Pesquisar, utilizando uma entrevista com: um colega mais experiente, um professor da escola, um artista circense, um praticante de Ginástica Rítmica, buscando informações sobre o mundo da Ginástica, relacionando-o ao trabalho educativo, à saúde e ao lazer. (p.41)
OBJETIVOS 7º anos	
[...]	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão da realidade da ginástica na sociedade, identificando o conceito das modalidades já vivenciadas, reorganizando o conhecimento situado historicamente, partindo das experiências adquiridas em aulas;
[...]	<ul style="list-style-type: none"> • Generalização dos fundamentos da ginástica nas diferentes modalidades e confronto entre os fundamentos ginásticos e outras ações corporais existentes no Jogo, na Luta, na Dança, no Esporte. (p.43)

Assim, diante da junção entre as contribuições trazidas pelos estudantes, em conformidade com os objetivos provenientes dos documentos supracitados, o

cronograma de aulas de nosso plano de ensino para a primeira unidade estruturou-se da seguinte maneira:

Quadro 3 – Cronograma de aulas do plano de ensino, elaborado por professor tutor e estagiário em parceria com os alunos durante unidade 1.

Aula Nº	Conteúdo	Tema	Resumo da Aula
1	Ginástica e saúde (IMC)	Ginástica	Aula inicial, discussão dos temas abordados anteriormente pelo professor, como o IMC e os critérios que a TV e os jornais/revistas usam para tratar um alimento como “saudável”. Discussão sobre a verdade contida nestes discursos e como podemos nos alimentar de maneira mais acessível e sustentável, com menor custo.
2	Ginástica é saúde (IMC + RCQ): o que o nosso coração sente?	Ginástica	Discussão sobre a relação entre a Frequência cardíaca e os níveis de obesidade. Discussão sobre: a relação possível entre IMC e obesidade e a relação entre o RCQ e o risco de desenvolvimento de infarto. Solicitação de trabalhos em revistas, jornais, TV e internet.

(Continua)

Aula Nº	Conteúdo	Tema	Resumo da Aula
4	Fundamentos da ginástica	Ginástica	Breve revisão dos fundamentos da Ginástica Artística e Rítmica: como estes fundamentos estão presentes em nosso cotidiano?
3	Revisando o que foi visto: dimensões da Ginástica.	Ginástica	Discussão sobre a Ginástica nos Âmbitos da Saúde, Lazer e Trabalho, evidenciando o último. Solicitação de trabalhos e Sugestões de assuntos a serem tratados pelos alunos durante as próximas aulas.
5	Ginástica laboral	Ginástica	Discussão sobre a ginástica laboral, evidenciando os seus benefícios. Recolhimento de trabalhos.
6	Ginástica em nosso dia a dia	Ginástica	Breve explanação sobre os possíveis benefícios que a Ginástica (entendida como atividade física) pode trazer às pessoas dos pontos de vista biológico e sócio afetivo.
7	Exercício físico e Obesidade/diabetes	Ginástica	Aula expositiva sobre como manifestam-se estes males e como o exercício pode surgir como possibilidade de controle.
8	O Exercício físico é bom: mas como podemos fazer (I)?	Ginástica	Problematizações sobre como as pessoas podem (se podem) fazer exercícios nos dias de hoje, debates sobre programas como a Academia da Cidade (localização, como podemos fazer parte, etc). Solicitação de pesquisa a partir da entrega de textos didáticos sobre o programa aos alunos.
9	O Exercício físico é bom: mas como podemos fazer (II)?	Ginástica	Discussões a partir do que os alunos encontraram em suas pesquisas, levantamento de novas possibilidades para o uso da ginástica em casa. Solicitação para os alunos prepararem-se para experiências em sala de aula.
10	Experimentando o que aprendemos	Ginástica	Experimentação corporal em sala acerca do que aprendemos na unidade, com ênfase na ginástica laboral adaptada às necessidades e possibilidades dos alunos. Aviso sobre a última aula, que terá uma revisão total sobre a Ginástica.
11	Revisitando Conceitos	Ginástica	Revisão final, com elaboração de trabalho em grupo sobre o que foi aprendido na Unidade "Ginástica", sobretudo no que diz respeito às características da intervenção da Ginástica no âmbito do trabalho.

Conforme explicitado anteriormente, grande parte dos estudantes das turmas era composta por trabalhadores e idosos, implicando na necessária abordagem de mais de 90% dos conteúdos sobre a forma de aulas expositivas, em uma abordagem teórica sobre o tema. A exceção se deu nas aulas 5 e 10, relacionadas à ginástica laboral, nas quais, além de apresentarmos o conteúdo expositivamente, exercitamos rotinas de alongamentos.

Com o seu transcorrer, percebíamos que alguns alunos apresentavam interesses especiais em conhecer a relação da Ginástica com o seu contexto social, solicitando-nos a discussão de temas relacionados à saúde e à qualidade de vida, ao contexto sócio-afetivo imbricado no movimentar-se coletivamente, e ao uso alternativo dos espaços urbanos para o exercício físico.

Como o tempo das aulas era demasiadamente curto para atender a tais demandas, buscava-se responder a tais questionamentos sobre a partir da solicitação de pesquisas individuais ou em duplas, as quais eram computadas como instrumento de avaliação cumulativa dos estudantes durante as unidades. Considerando o pouco tempo que a maioria dos alunos dispunha, pedíamos que eles pesquisassem e escrevessem sobre os temas tomando por referência jornais, revistas, programas de TV/rádio, outros professores, etc.

Por outro lado, ainda observávamos poucos alunos, os quais, discordando dos encaminhamentos das aulas, as interrompiam, solicitando a prática pela prática do futebol, em detrimento do trato com os temas relacionados à Educação Física. Estes pedidos eram feitos pelos estudantes diante da justificativa de que o professor anterior utilizava-se deste método para as aulas.

Um dado interessante a este respeito: apenas os alunos mais jovens faziam tal solicitação, uma vez que a prática de um antigo professor da escola, que permitia a 'pelada' lhes conferia direito quase exclusivo à prática, devido ao fato dos alunos idosos não conseguirem em sua grande maioria, acompanhar o seu ritmo durante as partidas, acarretando sua exclusão das aulas. Uma vez que esta prática em nada concordava com os critérios adotados por nós em comum acordo com as turmas, informamos a impossibilidade de tratar uma disciplina tão rica como a Educação Física como circunscrita apenas aos 'jogos de fim de noite'.

Observando que a maior parte da turma era afeta ao debate sobre sua vida, recorríamos constantemente ao seu uso enquanto instrumento pedagógico. A título de exemplo, tivemos como ponto de pauta em uma de nossas aulas o fato de a mídia nos apresentar, sobre forma de doutrinação, a Ginástica como um elemento indispensável a uma melhor qualidade de vida, sem discutir os condicionantes que muitas vezes, levam os membros da classe trabalhadora a não assumirem a prática da atividade física como parte de um 'estilo de vida saudável'.

A alimentação era outro importante tema de debate, corriqueiramente levantado pela turma: indagava-se qual seria o melhor alimento para uma vida saudável, quase sempre convencidos do entendimento de que o melhor era o apresentado na televisão, nos programas televisivos matinais. Neste momento, por meio dos debates e da solicitação de pesquisas compreendíamos coletivamente, como frutas locais e de menor preço, como a acerola, o cajá, a carambola e a banana poderiam substituir, ou até mesmo serem melhores sob o aspecto

nutricional, que as bebidas industrializadas, vendidas sobre a forma de complementos dietéticos ou energéticos pré-exercício.

Ao final de Abril, chegou o momento do exame da unidade, recorremos à prova com consulta ao material produzido e em dupla, por entendermos que não tínhamos enquanto intenção avaliativa, enfatizar apenas a memorização dos assuntos, e sim a significância destes para a vida do estudante. Como resultado, os alunos respondiam aos questionamentos levantados, não com a resposta meramente copiada do caderno ou de qualquer fonte. Traziam Trouxeram cada qual ao seu modo, suas compreensões acerca do conteúdo estudado, mostrando-nos que aquele seria o instrumento mais adequado àquela realidade.

A unidade Ginástica foi importante para nossa formação, à medida que o professor tutor proporcionou uma liberdade responsável ao estagiário, no sentido de subsidiá-lo materialmente com tudo aquilo que a escola lhe proporcionava. Diante disso, as aulas configuraram-se em interessantes dinâmicas, uma vez que nas mesmas havia exibição de imagens, textos e vídeos, facilitando a fluidez do diálogo entre estagiário e alunos.

Segunda unidade: Dança e Lutas

Passando à segunda unidade, tratamos os temas Lutas e Dança Dança e Lutas. Aqui, enfrentamos problemas sérios: alunos desistiam da escola, problemas surgiam nas vidas daqueles que ficavam, de modo que a permanência na mesma perfazia um ato quase heroico. Contudo, seguimos em frente, cada vez mais confiantes no processo e nas repercussões positivas que o mesmo trouxe à vida dos alunos, do professor tutor e do estagiário.

Mais uma vez, na organização dos conteúdos resolvemos acatar as contribuições trazidas pelos alunos, em relação aos objetivos da unidade por entendermos que os conhecimentos tratados deveriam apresentar relação importante com suas vidas. A partir da solicitação dos alunos, seja por timidez ou por questões ligadas ao fundamentalismo religioso¹⁰, decidimos por mais uma vez apresentarmos os conteúdos de modo expositivo, adaptando os objetivos e conteúdos do programa de ensino da disciplina às diferentes realidades apresentadas pelos alunos.

10 Muitos dos alunos eram membros de uma igreja evangélica tradicional, que propunha dentre seus aspectos doutrinários, a proibição da participação de seus membros em manifestações/ações ligadas a cultura corporal.

Quadro 4 – Recorte do plano de ensino da Escola Dona Maria Teresa Corrêa (conteúdo Dança e Lutas)

Programa Turma: “EJA 3” – 6º/7º anos (tema Lutas e Dança)	
OBJETIVOS	CONTEÚDOS
1. Identificar a luta e a dança enquanto conhecimento da cultura corporal 2. Compreender a luta como sistemas de ataque, defesa e controle, sendo vivenciadas em diversas modalidades de luta. 3. Classificar a dança enquanto popular, folclórica, de salão e contemporânea.	- Dança e a luta enquanto manifestação cultural. - Dança popular, folclórica, de salão e contemporânea. - Modalidades da luta (tipos de luta quanto à distância e suas modalidades correspondentes). - diversos tipos de dança.

Quadro 5 – Recorte de elementos extraídos do eixo temático Dança e Lutas nas OTM (PERNAMBUCO, 2010) e inclusos no plano de ensino para a “EJA 3” – 6º/7º anos

OTM (PERNAMBUCO, 2010)
OBJETIVOS 6º anos
<ul style="list-style-type: none"> • Resgate das origens, dos saberes e práticas sobre danças das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país; • Análise das semelhanças e diferenças entre danças das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país, quanto à Passos, personagens, fantasias, locais de realização, variações rítmicas gerais e entre os folguedos; brincadeiras e motivações, origens e evolução das danças, partindo da realidade cultural da região; • Elaboração de textos quanto à historicidade das danças, apresentando-os[...] (p.41); • Generalização dos fundamentos da luta nas diferentes modalidades e confronto entre estes fundamentos e outras ações corporais existentes no Jogo, na Ginástica, na Dança, no Esporte. (p.42).
OBJETIVOS 7º anos
<ul style="list-style-type: none"> • Resgate das origens, dos saberes e práticas sobre danças das regiões Sul e Sudeste do país; • Análise das semelhanças e diferenças entre danças das regiões Sul e Sudeste do país, quanto à Passos, personagens, fantasias, locais de realização, variações rítmicas gerais e entre os folguedos; brincadeiras e motivações, origens e evolução das danças, partindo da realidade cultural da região; [...] (p.43) • Conhecimento das regras oficiais de diversas modalidades de lutas. (p.44)

Assim, o cronograma final das aulas a partir do plano de ensino para a unidade II foi idealizado da seguinte forma:

Quadro 6 – Plano de ensino, elaborado por professor tutor e estagiário em parceria com os alunos durante unidade 2.

Aula Nº	Conteúdo	Tema	Resumo da aula
12	O que é a Dança?	Dança	Discussão coletiva, apresentando um primeiro conceito sobre a dança, falando sobre seus momentos ao longo da história da humanidade.
13	Manifestações da dança (danças populares pernambucanas)	Dança	Identificar e contribuir com o entendimento dos alunos sobre as danças populares em nosso estado, debatendo particularidades do cotidiano. Solicitação de pesquisa.
14	Dança Folclórica	Dança	Identificar e contribuir com o entendimento dos alunos sobre as danças populares em nosso estado, debatendo particularidades do cotidiano. Solicitação de pesquisa.
15	Dança de salão	Dança	Identificar e contribuir com o entendimento dos alunos sobre as danças de salão, debatendo particularidades do cotidiano. Solicitação de pesquisa.
16	Dança Contemporânea	Dança	Identificar e contribuir com o entendimento dos alunos sobre as várias faces da dança contemporânea, debatendo particularidades do cotidiano relacionadas a este tipo de dança. Solicitação de pesquisa.
17	Dança: pra homem ou mulher?	Dança	Debate sobre o modo como a sociedade vê a dança, arraigando preconceitos. Problemática e busca de possibilidades de entendimento que a dança é um fenômeno HUMANO, independente de orientação sexual.
18	Revisão	Dança	Revisão breve sobre o que foi estudado a respeito da dança e da particularidade de cada uma das danças estudadas. Solicitação de pesquisa em grupos sobre cada uma das danças para ser entregue no dia 27-05.
19	Fechamento das atividades	Dança	Recepção dos trabalhos em grupo, discussão sobre a experiência anterior e possível repetição da mesma.
20	O que é luta?	Lutas	Discussão sobre o conceito de luta e o histórico das lutas na Humanidade.
21	Classificação das lutas	Lutas	Apresentação sobre as 3 modalidades de luta existentes no que diz respeito à classificação: longa, média e curta distâncias.
22	Lutas de longa distância	Lutas	Debate sobre lutas que necessitam do uso de armas

(Continua)

Aula N°	Conteúdo	Tema	Resumo da aula
23	Lutas de média distância	Lutas	Debate sobre lutas que necessitam de golpes para subjugar o adversário.
24	Lutas de curta distância	Lutas	Debate sobre lutas que precisam de golpes asfixiantes ou da exclusão espacial para que haja vitória.
25	Lutar é Brigar?	Lutas	Problematização sobre as constantes brigas existentes em nosso cotidiano, busca por um entendimento acerca do que viria a ser uma “cultura de paz”. Solicitação de trabalho sobre o tema “violência nas grandes cidades”.
26	Revisão sobre o conteúdo Lutas	Lutas	Discussão sobre a história das lutas e sobre a classificação, trazendo à tona o direcionamento sobre quais modalidades de artes marciais se encaixariam em determinados tipos de luta. Solicitação de trabalho sobre o tema.
27	Síntese conclusiva da unidade e semestre letivo	Lutas	O que aprendemos sobre as lutas? Quais de seus princípios podemos utilizar em nosso dia-a-dia? Finalização do semestre apontando considerações finais.

Assim, procuramos no tema Dança tratar os conteúdos, trazendo à tona as relações histórico-culturais inerentes ao dançar, enquanto patrimônio dos povos pernambucano e nordestino, discutindo os diferentes tipos de dança do Brasil, seus personagens e significados. Diante da particularidade das turmas, decidimos coletivamente por tratar todos os conteúdos de maneira expositiva e dialogada, à mesma maneira como foi abordada a temática durante a primeira unidade, diante da irredutibilidade dos estudantes praticarem as lutas ou dançar.

Esta maneira de tratar o conhecimento trouxe importantes contribuições ao nosso aprendizado coletivo, visto que os alunos, ao se identificarem com o tema passaram a relatar experiências de suas vidas com a dança, bem como a trazer exemplos de grupos de dança africana e junina, originais do bairro e suas redondezas, ao falarmos das danças populares e folclóricas.

De modo semelhante, à luz de Souza Junior e Santos (2010), procuramos apresentar o tema Lutas enquanto um fenômeno histórico-cultural, presente na vida humana desde seus primórdios. Posteriormente, apresentamos uma classificação, de acordo com a distância entre os oponentes, em **a)** Lutas de Contato Direto, que consistem em projeções, desequilíbrios e imobilizações; **b)** Lutas de Média distância, caracterizadas por não manter contato direto entre os adversários, solicitando socos, chutes, entre outros golpes e **c)** Lutas de Longa Distância, que utilizam um instrumento mediador para o combate.

Esta abordagem apresentou-se positiva, ao passo que permitiu aos alunos a identificação de lutas com as quais até então não guardavam familiaridade, como a luta Greco-Romana, Judô, Caratê e Esgrima.

Durante a unidade, debatemos sobre a diferença entre o lutar, seus ideais históricos e filosóficos e o brigar, muitas vezes desprovido de sentido, problematizando fatos do cotidiano, como a eterna rixa entre

as torcidas uniformizadas de times rivais no futebol. Contudo em outros momentos, quando abordada à relação entre a Capoeira e a cultura Afro-Brasileira, foi necessária uma readequação do conteúdo devido ao preconceito guardado, de maneira velada ou explícita em relação às manifestações religiosas africanas.

Neste momento, foi preciso, no intuito de garantir a aprendizagem do assunto, fazer um recorte na disciplina, no sentido de informar aos alunos, que à Escola, não cabia à segregação por aspectos quaisquer que fossem, sobretudo aos religiosos, diante do princípio da laicidade de nosso Estado e da necessidade de entendermos o outro, antes de tudo, como ser humano, assim como nós, merecedor de respeito.

A importância em vivenciar um momento como esse, só reforçou a ideia de que a legitimidade do ato docente não supõe apenas o domínio de um campo específico de conhecimento, e sim em encontrar a melhor maneira para, compreendendo as demandas da realidade, melhor intervir nela. Mesmo na formação inicial, onde as competências mais específicas relacionadas com as funções profissionais requeridas pela formação possuem foco principal, devemos utilizar momentos como estes para o desenvolvimento do universo das competências pessoais, fornecedoras de experiências de vida e de formação, influentes no aprendizado do futuro professor sobre a prática, tanto ao nível do currículo formal, como do currículo oculto.

Ao fim da unidade utilizamos novamente a prova escrita, em dupla, com consulta. Desta vez, levantamos, além dos temas inerentes aos conteúdos Lutas e Dança, questionamentos ligados aos temas geradores de discordância entre a turma, como o preconceito contra pessoas e sua relação com a violência. Pudemos perceber no teor das respostas, que os alunos

compreenderam que o intuito da Educação Física não mais se restringiria ao 'dar a bola', desprovido de um debate profundo das motivações para as quais praticamos uma ação corporal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos este relato de experiência com a apresentação das possibilidades extraídas de nossas vivências. Em primeiro lugar, vimos a importância do professor tutor, não apenas como uma pessoa que observa o estagiário, mas como alguém que intervém, debate, auxilia e recebe auxílio nos momentos de necessidade. Outra possibilidade, frente à ausência de uma proposta curricular que subsidiasse a seleção e organização dos conhecimentos para a EJA na época, residiu na obediência ao princípio curricular da readequação dos conteúdos das OTM ao nível das possibilidades sociocognoscitivas dos alunos, as quais, muitas vezes estão para além daquelas esperadas para cada ciclo de escolarização (COLETIVO DE AUTORES, 1992; PERNAMBUCO, 2010).

De acordo com Sousa e Souza Junior (2013) alguns professores, apresentam dificuldade quanto a sistematização do conhecimento nas aulas de Educação Física na escola, privando os alunos do conhecimento aprofundado sobre os temas da cultura corporal, repercutindo negativamente no estabelecimento de qualquer relação entre tais temas e sua vida.

Um dado que comprova esta análise reside na já mencionada dificuldade inicial que enfrentamos com a sistematização do conhecimento, haja vista que outros professores que lecionavam nestas turmas nos anos anteriores, reuniam os mais jovens e permitiam à famosa 'pelada', excluindo destes e dos outros alunos – sobretudo adultos

e idosos - o direito de ter a apreensão do conhecimento deste componente curricular.

Contrários a esta prática, a professora, durante as aulas na disciplina Estágio Supervisionado, o professor tutor e estagiário trabalharam na perspectiva de selecionar, organizar e sistematizar os temas da Cultura Corporal a partir das demandas trazidas pelo chão da escola, estabelecendo um debate entre o programa de ensino da escola, e a proposta pedagógica do Estado, crescendo conhecimentos a partir das especificidades e particularidades das turmas.

Como resultado, pôde-se observar uma produção do conhecimento ligada aos anseios dos estudantes, confrontadora dos conhecimentos científico e popular, propiciando um aprendizado mútuo, prazeroso, descompromissado com o autoritarismo que tradicionalmente permeia as relações pedagógicas que desconsideram tais anseios.

No que diz respeito à relação estabelecida entre a formação acadêmica e a prática social, observamos que a produção de conhecimento se deu a partir do chão da escola, mas não se circunscreveu apenas a esta, imbricando-se também às atividades acadêmicas, próprias da disciplina Estágio Supervisionado, nas quais discutiam-se com os colegas e professora da disciplina, as situações com as quais nos deparávamos nas experiências vivenciadas em meio ao cotidiano escolar.

Por fim, na experiência com estudantes da EJA, vimos uma rica possibilidade de enriquecimento de aprendizado sobre como se processa a realidade da vida na escola para os futuros professores de Educação Física. Uma vez inseridos neste espaço, vimos nos alunos, o interesse por mostrar sua identidade, seu modo de enxergar os elementos da Cultura Corporal, o que nos permite acreditar na possibilidade das universidades incentivarem os estudantes universitários se fazerem mais presentes nestes espaços.

REFERÊNCIAS

- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- LUCKESI, C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2008.
- PERNAMBUCO. Orientações Teórico-Metodológicas Para o Ensino da Educação Física - Ensino Fundamental e Médio. Recife, SEDUC-PE 2010. Disponível em: <http://www.educacao.pe.gov.br/upload/galeria/750/otm_educacao_fisica2010.pdf>. Acesso em: 20 Ago. 2013.
- _____. Parâmetros curriculares de Educação Física – Ensino Fundamental e Médio. Recife, SEDUC-PE e UNDIME 2014. Disponível em: <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/4171/PCPE_VD_EDUCACAO_FISICA_EFM.pdf>. Acesso em: 10 Jan. 2014.
- SOUZA JÚNIOR, M. Política Curricular e Educação Física: competências, ciclos e qualidade social na proposta da Rede Municipal do Recife. In SOUZA JÚNIOR, M. (org.) et al. **Educação Física escolar: Teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica**. Recife: EDUPE, 2005, p. 31-81.
- SOUZA, F.C.; SOUZA JR, M. O currículo e a Educação Física na rede estadual de Pernambuco. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 131-9, jan./mar. 2013.
- SOUZA JUNIOR, T.; SANTOS, S.L.. Jogos de oposição: nova metodologia de ensino dos esportes de combate. **Lecturas en Educación Física y Deportes** Buenos Aires, v. 14, n. 141, Fev. 2010

KNOWLEDGE PRODUCTION IN PHYSICAL EDUCATION IN THE GROUND SCHOOL THROUGH THE SUPERVISED : the experience with students of Education with Young People and Adults

ABSTRACT

This text aimed to present the production of knowledge and its impact on the physical education daily, more specifically from the relationship established between trainee, tutor and lecturer professor in the discipline Supervised Training Teaching Practice in Physical Education with teaching practice in context of adult education. Methodologically, the text was constructed from the report of the activities developed during the classes taught, evaluation criteria for the discipline of the same name in the degree in Physical Education of ESEF / UPE. From this experience report, it was found that it is possible, through the articulation between the knowledge treated at the university, and the curriculum documents, systematize knowledge in PE classes and the supervised training in public schools, opens a wide range learning for the trainee, which may soon act as a teacher at school, while knowledgeable of their reality.

Keywords: Physical Education; school; training

PRODUCCIÓN DEL CONOCIMIENTO EN LA EDUCACIÓN FÍSICA EN EL TERRENO ESCOLAR A TRAVÉS DEL ENCUADRAMIENTO: la experiencia con estudiantes de Educación con Jóvenes y Adultos

RESUMEN

Este texto tuvo como objetivo presentar la producción del conocimiento y su impacto en el diario de la educación física, más concretamente de la relación que se establece entre el aprendiz, el tutor y profesor docente en el Entrenamiento Supervisado en Educación Física con la práctica docente en el contexto EJA. Metodológicamente, el texto se construye a partir del informe de las actividades desarrolladas durante las clases impartidas criterio de evaluación para la disciplina homónima en el grado en Educación Física ESEF / UPE. A partir del relato de experiencia, se ha descubierto la posibilidad, a través de la articulación entre los conocimientos tratados en el aula, y los documentos curriculares, sistematizar conocimientos en clases de educación física y el entrenamiento supervisado en las escuelas públicas, se abre una amplia gama aprendizaje para el alumno, que pronto puede actuar como un maestro en la escuela, mientras conocedor de su realidad.

Palabras Clave: Educación Física; la escuela; formación
